

Tentando compreender a complexidade do cotidiano

REGINA LEITE GARCIA

Este livro é resultado de um dos seminários internos do GRUPALFA (Grupo de Pesquisa de Alfabetização dos alunos e alunas das classes populares). Seminário interno *ma non troppo*, pois dele participaram alguns companheiros e companheiras que, como nós, vêm mergulhando nas águas turbulentas do cotidiano, escavando o microcosmo onde o macrocosmo se revela em suas formas singulares, surpreendentes, embaraçosas, que por vezes nos obrigam a incursões sem âncora ou bóia.

Aqueles companheiros e companheiras a que me refiro, embora não sejam do GRUPALFA, estão ligados a nós pelas misteriosas afinidades eletivas de que falava Goethe. Com eles e elas estamos tecendo mais uma rede – rede de afeto que resulta de buscas comuns, lutas comuns, escolhas comuns, solidariedades de preocupações, ainda que cada um e uma de nós se manifeste de forma peculiar, o que aliás nos encanta. Aqui estão Carlos Eduardo e Marisol, velhos companheiros de tantas plagas, que, como rizomas, aparecem, desaparecem, reaparecem, inquietos que são, surpreendentes, impossíveis de se deixar agarrar, embora, quando menos se espere, ei-los, trazendo sempre o novo. Aqui também está o Aldo, do grupo da Nilda Alves, e Maria Isabel, do grupo do Reinaldo Fleuri. Bem, tenho de confessar que escolhemos a dedo, pois quem pede pouco recebe pouco; em compensação, quem deseja muito, vai buscar e acha. A contribuição de Carlos Eduardo, Marisol, Maria Isabel e Aldo foi inestimável, o que se confirma nos seus textos. O Paulo Sgarbi prometeu, prometeu, prometeu, minha amiga Nilda Alves o puxou com mais força para participar do Seminário, onde ele deu uma bela contribuição, mas, o texto, este ficou apenas na promessa.

Nesse Seminário discutimos nossas pesquisas, os estudos que temos feito, os desafios que temos enfrentado cotidianamente ao estudar/pesquisar o cotidiano. Cotidiano tão rejeitado por alguns colegas e até alunos da universidade – como coisa menor, como coisa pós-moderna (?), como lugar em que cabe tudo por nada responder, como a negação até da luta de classes. Alguns chegam mesmo a criticá-lo como a não-ciência.

Bem-aventurados sejam os pobres de espírito que deles há de ser o reino dos céus. Eu prefiro ficar com Einstein, tão cultuado por nossos críticos e que, modestamente, como cabe aos sábios, afirma que “a totalidade da ciência não é senão um refinamento do pensamento cotidiano”. “E agora, José?”, diria o poeta, que a poesia nos mostra antes, durante ou após, o que a ciência nem sempre alcança. E volto à ciência com Wittgenstein, que nos socorre, estudiosos e estudiosas do cotidiano. Diz ele: “Sentimos que inclusive depois de respondidas todas as questões científicas possíveis, os problemas da vida permanecem completamente intactos”. São esses problemas que nos interessam especialmente, pois, se a ciência não puder contribuir para resolver os problemas da vida, há de servir para muito pouco.

Uma dissidente do Campo do Cotidiano, ao me comunicar a sua saída, à guisa de compensação (suponho que para lidar com a sua culpa), me disse admirar muito a minha luta por construir com meu grupo um “corpo de conhecimentos científicos sólidos” para melhor explicar nossa preocupação em “compreender o compreender do outro”. Gregory Bateson havia de se remexer na tumba se a tal insignificância tivesse dedicado sua vida. E nós, que passamos a falsa idéia de que temos a única preocupação de “compreender o compreender”, sem dizer para quê? Minha neta haveria de dizer: “Que mico, vó!”. Nós que pesquisamos, fazemos trabalhos de extensão, atuamos na formação de professores, escrevemos, publicamos, nós que andamos pelo Brasil afora, nos autodenominando “mascates pedagógicas”, convidando à luta por uma sociedade mais democrática, mais solidária, mais justa, fomos reduzidas, por uma avaliação equivocada ou mal-intencionada,

a simples investigadoras da alma humana. Perdoe-nos, Freud, mas a sua não é a nossa praia, o que não significa deixarmos de reconhecer a sua imensa contribuição. Não fosse conhecermos von Foerster, talvez não fôssemos capazes de perceber que, só compreendendo aquilo que se olha, é que de fato se vê. Logo, não se poderia esperar que alguém pudesse compreender os estudos do cotidiano se, ao olhar para o cotidiano, carregasse tantos preconceitos, que lhe impediriam de ver. Não vê porque não o compreende, nele não crendo. Como nos ensina a ciência, o que afirmam ser ciência não passa de crença.

Vamos então ao que discutimos no Seminário sobre método, em que pretendíamos muito mais do que apenas compreender melhor o compreender do outro.

Enfrentamos o problema metodológico – método ou métodos? A grande questão para nós era: o método é um *a priori*, ou vai sendo construído no processo de pesquisa em resposta aos sinais que a realidade, ao ser investigada, vai dando, sinais esses que até há um tempo não conseguíamos perceber? Como afirmei acima, aprendêramos com von Foerster que só se vê aquilo que se compreende, e, com o auxílio da teoria, fomos aprendendo a ver o que antes estávamos incapacitadas de ver. Com o auxílio da epistemologia da complexidade fomos mergulhando na complexidade do real e, quanto mais descobríamos, mais constatávamos o quanto faltava para abarcarmos a inapreensível totalidade que há um tempo acreditávamos possível de ser apreendida. A ciência não é a Verdade – como por um tempo acreditávamos –, mas apenas a busca permanente da verdade.

Temos enfrentado também a complexa relação teoria e prática (para alguns), para nós, prática-teoria-prática ou *prácticateoriaprática*, que, de tão imbricadas, chegam a se confundir. Pois haveria prática despida de teoria? Ou teoria descolada da prática? Para nós, não. Isso porque estamos visceralmente ligadas à prática e, como Marx na XI Tese sobre Feuerbach, estamos comprometidas com a transformação do mundo, uma vez que interpretá-lo de diversos modos os filósofos já o fizeram. De pouco nos valeria produzir belas explicações teóricas se elas não contribuíssem para a transformação do mundo.

Isto não significa desvalorizar a teoria. Muito ao contrário. Buscamos na boa teoria melhores explicações para a complexidade da realidade com a qual nos deparamos. Não apenas para compreendê-la, mas para podermos criar coletivamente com a teoria estratégias de intervenção transformadora numa perspectiva emancipatória. A prática, para nós, é portanto o critério de verdade; é ela que convalida a teoria. Assim, partimos da prática, vamos à teoria a fim de a compreendermos e à prática retornamos com a teoria ressignificada, atualizada, recriada, dela nos valendo para melhor interferirmos na prática. Círculo dialético – prática-teoria-prática –, como sabe quem tem familiaridade com o marxismo. E mais, nesse processo de reaproximação entre prática e teoria, quando a teoria de que dispomos não dá conta do que a prática nos desafia a compreender, freqüentemente formulamos novas explicações teóricas, que melhor respondam a nossas indagações. Esta a razão de nossa defesa da prática como *locus* de teoria em movimento, reatando assim o que foi rompido no momento histórico em que foram separadas a teoria e a prática, quando a prática foi desqualificada pelos que passaram a se autodenominar “cientistas”.

Avançamos na questão, para alguns tão óbvia e para nós tão complexa, da relação sujeito-objeto, ou, para nós, objeto que se faz sujeito na relação, portanto, um sujeito que investiga outro sujeito e que neste processo de investigação tem *insights* sobre o outro (sujeito a ser pesquisado) e sobre si mesmo (sujeito pesquisador). Daí decorre nosso engajamento na luta na escola pelo reconhecimento da professora-pesquisadora, ou seja, a professora que, inconformada com o fracasso escolar, se põe a investigar o que acontece na sala de aula, qual a razão para que alguns aprendam e outros não, se ela a todos ensina da mesma forma (pelo menos assim acreditava até então), e que procura melhor atuar pedagogicamente de modo que todos avancem, aprendendo o que antes não sabiam, já que esta é função da escola.

Nesse processo temos sido instigadas a criar explicações teóricas para responder ao incômodo que vivem alguns e algumas colegas quando colocamos em questão o sujeito por tanto tempo objetivado

na pesquisa. Eles nos perguntam: “Vocês querem dizer que não há mais objeto de pesquisa?” Nós simplesmente não trabalhamos numa perspectiva de *construção do objeto*. O objeto está lá a ser investigado e nós o reconhecemos como sujeito, o que faz toda a diferença. A pesquisa para nós se dá pondo-nos em diálogo com o sujeito a ser pesquisado. Sujeito, não objeto. Sujeito que pesquisa (nós), sujeito que é pesquisado (as professoras), sujeitos ambos que, no processo de pesquisa, põem-se a pesquisar a sua própria prática e neste processo vão tecendo novos conhecimentos sobre o processo *ensinoaprendizagem* e sobre o processo de pesquisa propriamente.

Queremos dizer que, quando muda o paradigma, há que também mudar a linguagem, que há muito sabemos não ser neutra. Essa a razão de cada vez mais irmos modificando a linguagem científica dura, tão dura quanto a ciência de que fala, tendo aprendido, sobretudo com o movimento feminista, o conteúdo machista da linguagem hegemônica na Academia e, com a literatura e a poesia, melhor dizendo, com as artes em geral, a possibilidade de tornar a escrita acadêmica mais agradável à leitura, sem perder o seu caráter científico. Estamos sempre num movimento de aproximação entre Ciência e Arte. Isto porque temos substituído “a produção”, e mesmo “a criação”, por “a tessitura”. Isto porque temos cada vez mais uma forte preocupação estética ao escrever nossos textos. Isto porque passamos a generalizar a partir do feminino, já que a maioria de docentes do ensino fundamental é do sexo feminino. Isto porque rompemos com a generalização a partir do masculino, acrescentando o feminino ao até então gênero masculino – os professores e as professoras, os alunos e as alunas, os homens e as mulheres, assim por diante. Busca de coerência, digo eu, acompanhando o que vem acontecendo no mundo, não apenas no Brasil, pois é cada vez mais raro encontrar um texto acadêmico que não atenda a esta preocupação politicamente certa.

Para que fique melhor compreendido como se deu o Seminário, procuramos organizar o livro, atendendo ao que a comissão organizadora programou.

Foram dois dias de intensa efervescência e entusiasmo. Dois dias em que os estudos, as pesquisas, as reflexões eram postas ao debate e debatidas eram. Mais uma vez confirmávamos a importância do coletivo na criação/bordado de conhecimentos. Bordado sem risco (mas com todos os riscos), em que vai sendo criado o desenho, misturando cores e linhas e formas, sem medo de descobrir o novo no próprio processo de bordar. Conhecimentos, alguns já do conhecimento de todas nós, outros que por vezes nos surpreendiam pelo ineditismo. Momentos de caos que nos levavam a novas formas de organização – o grupo confirmava Prigogine e Morin –, auto-eco-organização tão conhecida teoricamente por nós, agora vivida e mais bem compreendida. A prática que confirmava a teoria. A prática que atualizava a teoria. A prática que nos oferecia novas explicações teóricas. A prática que revelava a teoria em movimento. A prática que, para nós, dava sentido à teoria.

Amorosamente colocávamos a público nossas dúvidas, nossos não-saberes, nossos ainda-não-saberes, tão enfatizados nos estudos de Esteban. O exercício de “aceitação do outro enquanto legítimo outro” era resultado do empenho de todos e todas ainda que a outra ou o outro nos obrigasse a ver nossa fragilidade e portanto nos ajudasse a avançar. Nossas máscaras iam caindo, deixando aparecer novos saberes e não-saberes, até então desconhecidos por nós. Nascia um novo modo de pensar/agir com as professoras, as crianças e jovens, a escola, a sociedade. Era o novo que nascia da solidariedade da troca, da coragem da crítica, da generosidade da doação, da aceitação do outro, companheiro e companheira de jornada e do outro ou outra que nos surpreendia se revelando em cada uma de nós. Debatíamos, concordávamos e discordávamos, aprendíamos todos e todas, sem medo de sermos felizes. Vivíamos entusiasmadas com o sabor do saber. Confirmávamos nossa crença na força do coletivo. O que antes pareceria bizarro ou pelo menos nos era desconhecido, ao final de cada dia ia se tornando familiar. E o desafio de tornar a ciência um novo senso comum ia acontecendo, tornando-se possível socializar seus conceitos e métodos, procurando tornar claro o que antes parecia ininteligível. O maior desafio que temos enfrentado é

traduzir noções e conceitos complexos e de difícil compreensão para quem não lida com eles em seu cotidiano. Nesse processo se criam novos saberes e um novo *ethos*. E mais: a nossa formação disciplinar vai se mostrando incapaz de dar conta da complexidade que as dobras da realidade vão deixando escapar.

Fomos assim rompendo as fronteiras disciplinares e estabelecendo ricos diálogos, a princípio interdisciplinares e pouco a pouco transdisciplinares, chegando muitas vezes à transversalidade, a que se referem Deleuze e Guattari.

Após o seminário, a retomada de cada texto, agora enriquecido pelos debates. Se Bahktin está certo, e com ele concordamos, o primeiro texto já vinha carregado de muitas vozes, algumas conhecidas (os autores e autoras citados), outras por nós desconhecidas (difícil identificar todos os fios que tecem as tão complexas redes de conhecimento das quais cada um e cada uma de nós participa), mas que antes de nós ou contemporâneas a nós já falavam. Sempre a magia da linguagem, o que nos faz desconfiar de algumas falas tão cheias de certezas, certas de que carregam a verdade científica, ignorantes que são de um princípio da ciência, que é a provisoriidade. E nós, que com Ginzburg só (só?) pretendemos o ineliminável rigor flexível, que nos permita mergulhar na complexidade do cotidiano, garimpando, seguindo pistas, que às vezes abandonamos por nos depararmos com novas pistas que naquele momento nos parecem mais promissoras, nesta nossa busca permanente da verdade, cientistas que pretendemos ser.

Agora é o momento de compartilhar com um público maior. Assim, ao nosso conto, outros pontos serão acrescentados pois, no momento em que se publica um texto, ele ganha vida própria, vai navegando por mares muitas vezes desconhecidos por nós e, sem dúvida, passa a ser impossível controlarmos o seu destino, sequer acompanhar os rumos que ele toma, o que nos obriga a humildade, qualidade rara que tanto perseguimos e tão pouco exercitamos.

Antes de passar a palavra ao grupo que participou do Seminário interno, convido mais uma vez Gramsci, cuja fala norteia todas as

nossas ações políticas e pedagógicas, teóricas e práticas que, como já afirmei, para nós não estão dissociadas. Eis o que ele diz:

Mas a tendência democrática, intrinsecamente, não pode consistir apenas em que um operário manual se torne qualificado, mas em que cada "cidadão" possa se tornar "governante" e que a sociedade o coloque, ainda que "abstratamente", nas condições gerais de poder fazê-lo.

Vivo fosse, Gramsci exultaria com o resultado das eleições para presidente em 2002 no Brasil. Lula, um operário manual, vivendo numa sociedade extremamente excludente, rompeu todas as barreiras e foi eleito presidente do Brasil. Lula, que nunca frequentou uma universidade, se mostrava doutor feito na vida e nos obrigava a repensar afinal quem sabe, onde se aprende e como se aprende e o que é saber e quem define o que é saber. Tantas perguntas que, neste momento, somos obrigadas a produzir/criar/tecer novas respostas.

Interessante o que logo após o resultado das eleições foi acontecendo em algumas universidades. Na tentativa de correr contra o tempo, e de se justificar por tantos anos de preconceito contra os saberes da prática, eis que, como por milagre, algumas universidades apressaram-se a oferecer pomposos títulos de Doutor Honoris Causa ao novo presidente. É preciso que ele se torne "um dos nossos", que seja admitido na confraria dos sábios. Sinal de novos tempos, pois eu me recordo da negação à proposta de que Paulo Freire estivesse na minha banca de concurso para professor titular, sob o argumento de que ele não era doutor.

No entanto, Lula não nega a importância da escola. Ele sabe o que sofreu de discriminação por sua pouca escolaridade. Uma de suas primeiras falas foi afirmar, muito emocionado, que lutaria para que a sua história não fosse mais uma exceção no Brasil, onde as crianças pobres como ele foi, ou não conseguem entrar na escola ou, quando são permitidas a entrar, encontram uma escola que não lhes ajuda a mudar de vida. Nós, modestamente, estamos e sempre estivemos na luta por uma escola de qualidade para aqueles e aquelas até então deserdados da terra.

Que assim seja.